

PIXAÇÕES EM BELÉM: NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA NA AMAZÔNIA À LUZ DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Luis Henrique Guimbal de Aquino Vieira Gomes

Universidade Federal do Pará - UFPA

Ana Cleide Vieira Gomes Guimbal de Aquino

Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA

Luiz Cezar Silva dos Santos

Universidade Federal do Pará - UFPA

Resumo

Este artigo analisa duas pixações específicas na cidade de Belém, Pará, como formas de comunicação visual e intervenção urbana. A partir de um estudo descritivo-exploratório e documental, de abordagem qualitativa, examinam-se as inscrições “Amor não é posse” (Bairro do Marco) e “MONA REAGE” (Bairro de Nazaré). O referencial teórico apoia-se nos conceitos bakhtinianos de carnavalização e cronotopo, que permitem interpretar as pixações como atos de inversão simbólica da ordem estabelecida e como marcas que condensam tempo e espaço social. Complementa-se a análise com a análise verbo-visual proposta por Discini (2019), explorando a integração sinestésica entre o texto verbal, sua materialidade gráfica, o suporte urbano e seu contexto. O artigo discute como essas pixações específicas, para além de sua aparente simplicidade, funcionam como enunciados carnavalizados que provocam reflexão, e como seus cronotopos revelam tensões sociais e de gênero inscritas na paisagem da cidade. Conclui-se que tais intervenções constituem-se em atos comunicativos complexos, que ressignificam os muros e dialogam criticamente com o entorno urbano e social de Belém.

Palavras-Chave: Pixação; Análise Verbo-Visual; Carnavalização; Cronotopo; Belém

TAGGING IN BELÉM: NARRATIVES OF RESISTANCE IN THE AMAZON THROUGH THE LENS OF DIALOGICAL DISCOURSE ANALYSIS

Abstract

This article analyzes two specific pixações (tagging) in the city of Belém, Pará, as forms of visual communication and urban intervention. Based on a descriptive-exploratory and documentary study with a qualitative approach, the inscriptions “Amor não é posse” (“Love is not possession”, Marco neighborhood) and “MONA REAGE” (“Hang in there, girl”, Nazaré neighborhood) are examined. The theoretical framework relies on Bakhtinian concepts of carnivalization and chronotope, which allow interpreting pixações as acts of symbolic inversion of the established order and as marks that condense social time and space. The analysis is complemented by the verbo-visual analysis proposed by Discini (2019), exploring the synesthetic integration between the verbal text, its graphic materiality, the urban support, and its context. The article discusses how these specific pixações, beyond their apparent simplicity, function as carnivalized utterances that provoke reflection, and how their chronotopes reveal social and gender tensions inscribed in the city's landscape. It is concluded that such interventions constitute complex communicative acts, which re-signify walls and engage in a critical dialogue with the urban and social surroundings of Belém.

Keywords: *Pixação (Tagging); Verbo-visual Analysis; Carnivalization; Chronotope; Belém.*

PIXACIONES EN BELÉM: NARRATIVAS DE RESISTENCIA EN LA AMAZONÍA A LA LUZ DEL ANÁLISIS DIALÓGICO DEL DISCURSO

Resumen

Este artículo analiza dos pixações (pintadas) específicas en la ciudad de Belém, Pará, como formas de comunicación visual e intervención urbana. A partir de un estudio descriptivo-exploratorio y documental, de enfoque cualitativo, se examinan las inscripciones “Amor não é posse” (“El amor no es posesión”, Barrio de Marco) y “MONA REAGE” (“Reacciona, Chica”, Barrio de Nazaré). El marco teórico se apoya en los conceptos bajtinianos de carnavalización y cronotopo, que permiten interpretar las pixações como actos de inversión simbólica del orden establecido y como marcas que condensan tiempo y espacio social. Se complementa el análisis con el análisis verbo-visual propuesto por Discini (2019), explorando la integración sinestésica entre el texto verbal, su materialidad gráfica, el soporte urbano y su contexto. El artículo discute cómo estas pixações específicas, más allá de su aparente simplicidad, funcionan como enunciados carnavalizados que provocan la reflexión, y cómo sus cronotopos revelan tensiones sociales y de género inscritas en el paisaje de la ciudad. Se concluye que tales intervenciones constituyen actos comunicativos complejos, que resignifican los muros y dialogan críticamente con el entorno urbano y social de Belém.

Palabras-clave: *Pixación (Graffiti); Análisis Verbo-Visual; Carnavalización; Cronotopo; Belém.*

1. ENTRE O MURO E O GRITO: INTRODUÇÃO AO OBJETO DA PIXAÇÃO

A pixação persiste como um dos elementos mais controversos e expressivos da paisagem urbana brasileira. Em Belém, suas manifestações configuram um rico e complexo campo de comunicação visual, cujos significados demandam uma investigação que ultrapasse noções preconcebidas de vandalismo.

Este artigo propõe uma análise concentrando-se na leitura crítica de duas pixações específicas registradas fotograficamente na cidade: “Amor não é posse”, localizada no bairro do Marco, e “MONA REAGE”, no bairro de Nazaré. Partindo de uma pesquisa documental de abordagem qualitativa, objetiva-se interpretar essas inscrições como enunciados visuais plenos de sentido, que operam no espaço público de maneira a ressignificá-lo e a estabelecer diálogos com o transeunte.

A análise será guiada por dois pilares teórico-metodológicos principais: os conceitos bakhtinianos de carnavalização e cronotopo, que iluminam as dimensões de inversão simbólica e de fusão tempo-espaço nestas intervenções; e a análise verbo-visual (Discini, 2019), que permite descrever a integração sinestésica entre texto, forma gráfica, suporte e contexto.

O percurso do artigo inicia-se com este referencial teórico, passa pela descrição metodológica e culmina na análise das imagens, buscando demonstrar como tais pixações funcionam como atos comunicativos que, a partir de pontos específicos da malha urbana, fomentam reflexão e intervêm nas dinâmicas simbólicas da cidade.

2. DAS TEORIAS AOS MUROS: ARCABOUÇO CONCEITUAL PARA LER A CIDADE ESCRITA

O referencial teórico que sustenta esta análise articula-se em torno de duas frentes interligadas, que permitem uma leitura densa e multidimensional das pixações enquanto fenômenos comunicacionais complexos. A primeira frente apoia-se na obra de Mikhail Bakhtin (2016, 2018), cujos conceitos de carnavalização e cronotopo oferecem ferramentas cruciais para ler a pixação para além da superfície do texto.

O conceito de carnavalização refere-se à transposição, para outros gêneros discursivos, da lógica do carnaval medieval, caracterizada pela suspensão temporária das hierarquias, pela inversão dos papéis sociais, pela celebração do grotesco e do profano e pela liberação de uma linguagem franca e familiar. A pixação, ao se apropriar de muros – suportes que podem ser públicos, privados ou institucionais – e ao inscrever mensagens que frequentemente subvertem a ordem discursiva oficial, realiza um ato carnalizado. Ela “descoroa” simbolicamente a seriedade e a autoridade do espaço planejado, instaurando um momento efêmero de liberdade expressiva e crítica no tecido urbano.

Complementarmente, o conceito de cronotopo – definido como a “inter-relação fundamental” entre relações temporais e espaciais artisticamente expressas (Bakhtin, 2018) – é transposto para a análise urbana, permitindo entender cada pixação como um ponto singular de condensação de tempo e espaço. A localização concreta (o bairro do Marco, o bairro de Nazaré) não é um mero pano de fundo, mas parte constitutiva e geradora de sentido. O momento histórico-social, as tensões de gênero implícitas em “MONA REAGE”, as discussões contemporâneas sobre relações afetivas materializadas no “Amor não é posse” e o próprio tempo de duração da inscrição no muro (sua efemeridade ou resistência) fundem-se no ato visual. Dessa fusão, emerge um cronotopo único que materializa e torna visível um fragmento específico da experiência urbana de Belém.

A segunda frente teórica, que dialoga e se entrelaça com a primeira, é fornecida pela análise verbo-visual conforme proposta por Norma Discini (2019). Esta abordagem parte do princípio fundamental de que a materialidade do signo é portadora de sentido. Para a pixação, essa premissa é incontornável. A análise, portanto, não pode se restringir ao conteúdo semântico do texto (“o que está escrito”), mas deve investigar minuciosamente como está escrito. Isso implica examinar os aspectos tipográficos e visuais, como a forma das letras (se angulosas ou arredondadas), o tamanho, a espessura do traço, a cor e a orientação da inscrição no espaço do suporte.

Implica, ainda, considerar a materialidade da execução: o tipo de tinta, o instrumento utilizado (pincel, rolo, lata de spray), a pressão e a gestualidade impressas no ato de pixar, marcas de um corpo em ação. A relação com o suporte é outro eixo crucial: como a inscrição dialoga com a textura, a cor, as rachaduras ou a função social original do muro? A pixação adapta-se taticamente ao suporte ou o confronta abertamente?

Por fim, o contexto imediato – a presença de outras pixações, publicidades, o fluxo de pessoas e as características do bairro – integra-se a essa leitura. Esta abordagem sinestésica permite captar como a mensagem verbal e sua realização visual e material formam um todo indissociável, carregado de intencionalidade comunicativa e inscrito em uma situação concreta de enunciação urbana.

3. TRILHAS DO OLHAR: O PERCURSO METODOLÓGICO DE UMA ANÁLISE URBANA

Esta pesquisa configura-se como descritivo-exploratória, documental e de abordagem qualitativa, elegendo como seu *corpus* central duas fotografias produzidas pelo próprio pesquisador. Os registros capturam as pixações “Amor não é posse” e “MONA REAGE” em seus contextos urbanos originais, localizados, respectivamente, nos bairros do Marco e de Nazaré, em Belém/PA. A análise, fundamentada no

referencial teórico apresentado, desenhará um percurso em três movimentos interligados.

O primeiro movimento consiste em uma descrição verbo-visual detalhada, ancorada nos pressupostos de Norma Discini (2019). Para cada imagem, realizar-se-á uma análise da integração entre o texto verbal e seus aspectos estéticos e contextuais. Isto implica analisar a forma, o tamanho e a espessura do traço das letras, a cor e a orientação da inscrição no suporte, bem como a materialidade da execução (o instrumento, a tinta, os gestos presumidos). A relação da pixação com o próprio muro – sua textura, cor e função – e com o contexto imediato que a cerca será igualmente escrutinada, de modo a compreender como esses elementos se fundem para construir o sentido.

A partir dessa descrição, o segundo movimento dedica-se à interpretação à luz dos conceitos bakhtinianos. As pixações serão lidas, assim, como atos de linguagem carnavalizados, onde se busca identificar os mecanismos de inversão, crítica ou suspensão das normas sociais que cada inscrição possa operar. Paralelamente, cada pixação será compreendida como um cronotopo urbano singular, analisando-se como ela funde, de maneira indissociável, um tempo social específico – como as discussões contemporâneas sobre relações afetivas ou sobre empoderamento feminino – com um espaço social igualmente específico, marcado pela localização no bairro e pelas características do suporte. Este cruzamento entre o tempo e o espaço materializa um fragmento único da experiência da cidade.

Por fim, em um terceiro movimento, será estabelecida uma análise contrastiva entre os dois casos. Este diálogo comparativo buscará compreender como, a partir de contextos urbanos e mensagens distintas, a pixação em Belém se manifesta como uma prática comunicativa plural. O contraste permitirá iluminar tanto as singularidades de cada intervenção quanto os possíveis traços comuns em sua lógica de inscrição e intervenção no espaço público, apontando para características dessa forma de expressão na paisagem amazônica.

4. NAS PAREDES DA CIDADE: ANÁLISE E DIÁLOGO DE DOIS ENUNCIADOS VISUAIS

A aplicação da metodologia proposta às imagens documentadas permite uma leitura densa das pixações como atos comunicativos complexos. A análise é desenvolvida em dois momentos principais, dedicados a cada inscrição, seguidos por uma síntese integradora.

4.1. AFETIVIDADE DO BAIRRO DO MARCO: “AMOR NÃO É POSSE”

A primeira imagem a ser considerada (**Figura 1**) registra a pixação “AMOR NÃO É POSSE” em um muro do bairro do Marco. Para orientar a análise, destaca-se o núcleo verbal do enunciado:



Figura 1 – O AMOR NÃO É POSSE

Fonte: Acervo pessoal

Sob a perspectiva da análise verbo-visual, observa-se um texto executado em letras maiúsculas, com traço contínuo, firme e de espessura regular, características que

sugerem o uso de rolo e tinta preta em uma ação rápida e decidida. A inscrição impõe-se verticalmente sobre um extenso muro de alvenaria, chapiscado e de cor neutra, que atua como uma tela, amplificando a visibilidade da mensagem. A materialidade do suporte – uma estrutura que demarca propriedade e separação – entra em tensão dialógica imediata com o conteúdo da frase. A localização em um bairro periférico como o Marco não é um detalhe, mas um elemento que agrega camadas de sentido, inserindo a mensagem em um contexto urbano específico.

Ao interpretar esses dados à luz da teoria bakhtiniana, a pixação revela-se um potente ato carnalizado. A frase, em sua aparente simplicidade, realiza uma inversão crítica a um valor culturalmente arraigado: a concepção do amor como dominação ou propriedade. Ao ser inscrita justamente em um muro – símbolo máximo da delimitação da posse – a mensagem subverte poeticamente a lógica do próprio suporte. Profana um espaço de separação e controle para nele gravar um princípio de libertação afetiva, suspendendo temporariamente a ordem discursiva convencional do espaço.

O cronotopo que emerge desta fusão é singular: o muro periférico como púlpito para questões íntimas e coletivas. A inscrição funde o tempo presente das discussões sociais sobre relacionamentos saudáveis e autonomia afetiva com o espaço social da periferia. Dessa forma, transforma um local de passagem anônima em um espaço de interpelação e reflexão ética, publicizando no cotidiano uma máxima que ressoa tanto no plano individual quanto no comunitário.

4.2. O GRITO DE ACOLHIMENTO NO BAIRRO DE NAZARÉ: “MONA REAGE”

A segunda imagem em análise (**Figura 2**) captura a pixação “MONA REAGE” no bairro de Nazaré. Seu núcleo verbal, carregado de subjetividade, é:



Figura 2 – MONA REAGE

Fonte: Acervo pessoal

A descrição verbo-visual desta inscrição revela aspectos distintos. O uso da forma coloquial e afetiva “Mona” – termo carregado de significados dentro das comunidades LGBTQIA+ e também de uso solidário entre mulheres – estabelece desde já um tom de familiaridade e identificação. As letras, possivelmente executadas com spray, apresentam um estilo mais informal e gestual em comparação com a solenidade do rolo da primeira pixação. A cor preta das letras e a integração com um suporte possivelmente mais orgânico ou degradado, também a ser exibido como o coração na palavra MONA como um *dingbat*, de forma icônica contribuem para uma atmosfera imediata de urgência. O contexto do bairro de Nazaré, mais central e tradicional, oferece um *locus* diferente, onde a mensagem adquire contornos de intervenção direta no coração simbólico da cidade.

Interpretando este conjunto, a expressão se configura como um ato de familiarização e incentivo carnavalizado. Dirigindo-se diretamente a um sujeito social (“MONA”) frequentemente marginalizado ou subjugado, a pixação emprega uma linguagem de resistência e autoafirmação. É um grito de apoio materializado na parede, que contesta a passividade e convoca publicamente à reação, invertendo uma lógica social de opressão e silenciamento. O cronotopo que aqui se materializa é o da rua como rede de solidariedade e empoderamento. A mensagem funde o tempo longo e urgente das lutas por direitos e visibilidade de minorias de gênero e sexualidade com o espaço de um bairro central e de grande circulação. Ela funciona como um lembrete coletivo da necessidade de resiliência, criando um ponto de identificação, acolhimento e força no tecido urbano, uma pista de que ninguém está sozinho na batalha.

4.3. DIÁLOGOS NA PAISAGEM: UMA SÍNTESE POLIFÔNICA

Confrontadas, as duas pixações revelam uma lógica comum de intervenção ético-política carnavalizante no espaço. Ambas se apropriam do muro – suporte da ordem, da propriedade e do silêncio imposto – para veicular mensagens que contestam normas sociais interiorizadas: a posse nos relacionamentos e a resignação diante das opressões. Seus cronotopos, embora vinculados a geografias urbanas distintas (a periferia do Marco e a centralidade de Nazaré), demonstram como a pixação em Belém é instrumentalizada para tematizar publicamente questões afetivas e de identidade. A paisagem é assim transformada em um palco para debates íntimos e coletivos, em um exercício contínuo de escrita e reescrita da cidade.

A análise verbo-visual confirma que a força performática dessas mensagens é radicalmente amplificada por sua materialidade gráfica direta e pela escolha estratégica do suporte. A opção por letras maiúsculas e solenes em “Amor não é posse” confere à frase um caráter de princípio universal; já a gestualidade e a cor de “MONA REAGE” transmitem a urgência de um apelo pessoal e coletivo. Dessa forma, texto, forma, suporte e contexto atuam sinergicamente, comprovando que a pixação, nestes casos, opera como um enunciado visual completo, onde a dimensão plástica é constitutiva do sentido e da sua potência como ato de fala urbana e de intervenção social.

5. QUANDO OS MUROS FALAM: ECOS E RESSONÂNCIAS

A análise das pixações “Amor não é posse” e “Reage Mona” através das lentes da carnavalização, do cronotopo e da análise verbo-visual demonstrou o potencial destas intervenções como enunciados urbanos complexos e carregados de intencionalidade comunicativa. Longe de serem meros atos de depredação, elas se revelam como gestos discursivos que carnavalizam o espaço, subvertendo a seriedade dos muros com mensagens de crítica social, autoafirmação e solidariedade. Cada uma, a seu modo, cria um cronotopo específico que funde questões temporais urgentes (debates de gênero, ética nas relações) ao espaço concreto de Belém.

Este estudo não tem a pretensão de generalizar, mas de iluminar, com profundidade analítica, a riqueza semiótica e social de manifestações pixadoras frequentemente negligenciadas. Ele aponta para a necessidade de se olhar para a pixação como um gênero discursivo urbano próprio, cuja decifração exige ferramentas teóricas sensíveis à sua natureza híbrida (verbo-visual), ao seu caráter dialógico e contestatório (carnavalização) e à sua inscrição espaço-temporal única (cronotopo). Pesquisas futuras podem ampliar o *corpus* ou aplicar a mesma metodologia a outras pixações, contribuindo para mapear os diversos “pixos” visuais e temáticos que compõem a polifonia da cidade escrita de Belém.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Cultura popular na idade média**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Editora 34, 2018.

DISCINI, Norma. Claude Zilberberg : o semioticista e o esteta. **Actes Sémiotiques**, n. 122, 2019. Disponível em: <<https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6335>>. Acesso em: 31 jan. 2026.

Luis Henrique Guimbal de Aquino Vieira GOMES

Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura, pela Universidade da Amazônia – UNAMA. Professor Substituto da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará – UFPA. Aluno do curso de doutorado em Comunicação da UFPA. Belém – PA. E-mail: arte.luisgomes@gmail.com.

Ana Cleide Vieira Gomes Guimbal de AQUINO

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara/SP. Docente dos Cursos de Licenciatura em Letras Português, Licenciatura em Letras Libras e Licenciatura em Pedagogia do Instituto Ciberespacial da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA. Belém – PA. E-mail: ana.guimbal@ufra.edu.br.

Luiz Cezar Silva dos SANTOS

Pós-Doutor em Comunicação e Consumo pelo PPGCOM/ECA/USP. Doutor em História pela PUC/SP. Mestre em Estudos Literários pela UFMG. Professor Associado IV do curso de Publicidade e Propaganda - Facom/ILC/UFPA e Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia - PPGCOM/ILC/UFPA. Líder do Grupo de Pesquisa em Propaganda e Publicidade - Grupp. Diretor Norte da Associação Brasileira de Pesquisadores em Publicidade - ABP2.

Recebido em: 31. jan.2026

Aprovado em: 26.fev.2026